

Folclore Negro: diálogos etnomusicológicos Brasil-EUA¹

Edilberto José de Macedo Fonseca²

Resumo: A comunicação pretende fazer uma análise da maneira como as práticas musicais religiosas negro-africanas foram abordadas no Brasil pelos estudos do então chamado folclore musical em face à constituição do campo disciplinar da etnomusicologia durante o século XX. O objetivo é observar marcos conceituais que conduziram procedimentos analíticos, metodológicos e epistemológicos em algumas experiências etnográficas e de pesquisa de autores referenciais do campo folclorístico como Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Mário de Andrade, Renato Almeida e Luiz Heitor Correa de Azevedo e Edison Carneiro. Pretende-se ainda fornecer subsídios para um debate sobre o lugar ocupado pelas investigações sobre a música religiosa afro-brasileira dentro do campo do folclore e de que forma mudanças paradigmáticas ocorridas no âmbito das ciências humanas e sociais, a partir da segunda metade do século, conduziram esses estudos à adoção de novos aportes conceituais e metodológicos que determinaram dimensões analíticas diversas, especialmente aquelas trazidas por pesquisadores ligados ao campo etnomusicológico americano.

Palavra-chave: etnomusicologia, música afro-brasileira, folclore musical.

Esse trabalho pretende fazer uma análise da maneira como as práticas musicais religiosas negro-africanas foram abordadas no Brasil pelos estudos do então chamado folclore musical em face à constituição do campo disciplinar da etnomusicologia ao longo do século XX. Serão observados marcos conceituais que conduziram procedimentos metodológicos e epistemológicos em algumas experiências etnográficas e de pesquisa de autores referenciais do campo folclorístico como Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Mário de Andrade, Renato Almeida e Luiz Heitor Correa de Azevedo e Edison Carneiro. O intuito é debater a respeito do lugar ocupado pelas investigações sobre a música religiosa afro-brasileira dentro do campo do folclore e de que forma mudanças epistemológicas ocorridas no âmbito das ciências humanas e sociais, especialmente a partir da segunda metade do século, conduziram os estudos musicais à adoção de novos aportes conceituais e metodológicos que determinaram dimensões analíticas diversas, especialmente aquelas trazidas por pesquisadores ligados ao campo etnomusicológico americano.

O chamado “folclore musical” é um campo disciplinar que tem produzido uma vasta literatura a partir de pesquisas etnográficas guiadas pelas variadas diretrizes

1 Artigo enviado para a III Sessão “Problematizando fronteiras: interfaces entre folclore, etnologia dos índios do nordeste e estudos afro-brasileiros” do Fórum Temático “Antropologia e Estudos de Folclore: ressonâncias e dissonâncias” na V REA e XIV ABANNE-Reunião de Antropólogos Norte e Nordeste- REAABANNE, Maceió-AL, 22/07/2015.

2 Professor adjunto do curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense - Rio das Ostras.

teórico-metodológicas. Os pesquisadores brasileiros da primeira metade do século XX vinham de uma tradição de estudos influenciados pelas correntes europeias de pensamento que dominavam o campo da música, particularmente aquelas apoiadas nas ideias comparativistas que viam as expressões musicais afrobrasileiras como práticas de uma etapa civilizatória que deveria ser superada. Os estudos de folclore sobre as músicas de tradição africana no Brasil foram marcados pela ótica que impingia uma escala valorativa sobre todo o material recolhido em campo segundo um critério que via na música erudita ocidental o referencial maior.

Durante todo o século passado, entretanto, o campo de estudos das práticas musicais conviveu com significativas transformações globais e epistemológicas que determinaram profundas mudanças nas sociedades de todo o mundo. Processos migratórios, disseminação dos meios de gravação sonora e comunicação, além da internacionalização e circulação dos bens de consumo, intensificaram muitas as influências interculturais. O caráter multi, inter e transdisciplinar que as mudanças paradigmáticas trouxeram para os estudos sobre música e cultura radicalizaram as críticas às abordagens adotadas pelos folcloristas e apontaram para a necessidade de se repensar o olhar sobre as tradições musicais afrobrasileiras na contemporaneidade.

No contexto das pesquisas sobre práticas musicais, a invenção em 1877 do “gramophone” por Thomas Edison foi um dado fundamental para a compreensão do diálogo disciplinar entre os estudos musicológicos e os de folclore. Ela gerou novas possibilidades analíticas em função da ideia de um maior “objetividade” nas coletas de *performances* musicais nos trabalhos etnográficos de campo. A nova tecnologia permitia a posterior reprodução sonora dos registros gravados, modificando a qualidade das análises musicológicas realizadas nas pesquisas etnológicas, antropológicas e folclóricas, o que levou à recontextualização conceitual do que era até então chamado de *som musical*. Como pretendemos mostrar, algumas mudanças experimentadas pelas pesquisas sobre as tradições religiosas afrobrasileiras se deram em grande parte influenciadas pelo progressivo, constante e estreito contato entre os folcloristas brasileiros e os antropólogos e musicólogos ligados ao nascente campo etnomusicológico americano na metade do século, embora não só a este.

Musicologia: comparação e relativismo

O musicólogo austríaco Guido Adler em seu artigo *Objeto, método e meta da musicologia*, escrito em 1885, irá postular as bases sobre as quais será constituído o

campo disciplinar da moderna Musicologia (*Musikwissenschaft*). Sua classificação dividirá a disciplina em dois campos distintos, que englobarão, cada um, um conjunto de áreas de estudo: à Musicologia Histórica caberia o estudo de tudo aquilo que se referenciasse às práticas musicais estritamente relacionadas à chamada música culta ocidental. Já na Musicologia Sistemática ficariam abrigados os campos disciplinares da Estética, da Acústica, da Pedagogia e Didática Musical e a chamada *Musikologie*, que deveria se dedicar a “comparar a produção tonal³, especialmente dos cânticos folclóricos dos diferentes povos, países e territórios, com propósitos etnográficos e classificá-las, na sua diversidade, de acordo com suas características” (Adler *apud* Menezes Bastos, 1995, p. 14).

A coleta de músicas das camadas populares (de *folk*) contava já nesse período com uma longa e tradição apoiada em pesquisas em diversos países, especialmente, na Europa (Burke, 1995). Nesses estudos, via de regra, predominava a ótica comparativista sobre as práticas musicais de culturas que não compartilhassem os cânones da música culta europeia, orientada pela Musicologia (*Musikwissenschaft*) em sua necessária “invenção do objeto *música do passado*” (Menezes Bastos, 1995: 40, grifos do autor). A própria divisão e autonomização dos campos disciplinares das ciências e das artes que ia se estabelecendo ao longo do século XIX propiciou uma progressiva delimitação de objetos de estudo específicos tanto para a Musicologia Histórica quanto para a Musicologia Comparativa, à cargo da qual ficou a pesquisa e investigação sobre as tradições musicais “não ocidentais” (Nettl, 1983, p. 2).

Com o advento da possibilidade dos registros fonográficos, os pesquisadores se viram pouco a pouco impelidos a adotar a nova tecnologia, o que a torna item indispensável para diversos campos de saber. Ainda assim, as primeiras pesquisas apontavam para as chamadas “armchair analysis”, muito comuns nos estudos alinhados à perspectiva teórica do Evolucionismo Social⁴. Franz Boas, considerado um dos fundadores da moderna antropologia cultural é sem dúvida aquele que irá influenciar toda uma geração de pesquisadores⁵ voltados ou não para os estudos das práticas musicais. Seus trabalhos foram cruciais para que a perspectiva culturalista passasse a se tornar paradigmática no âmbito das ciências sociais, e também musicais. Ele e antropólogos como Evans-Prit-

3 *Tonprodukte*, produtos musicais (Adler, 1885)

4 No caso dos estudos de música, o Evolucionismo Social baseava a pesquisa etnográfica segundo uma concepção de história que buscava determinar uma linha evolutiva global para todas as culturas, o que permitiria identificar as origens da música ou fornecer um mapeamento global das áreas culturais.

5 Franz Boas foi um dos professores de Gilberto Freyre.

chard, foram alguns dos que se utilizaram dos novos recursos fonográficos de gravação como elemento fundamental nas pesquisas de campo, inserindo-os de forma decisiva nos debates sobre relativismo cultural.

Entretanto, o antropólogo Anthony Seeger (1992) cita tanto o trabalho de Richard Wallaschek⁶ de 1893, como o de Fox Strangways⁷ de 1914, como aqueles que antecederam, no campo da música, modalidades de análise e pesquisa de campo que viriam a se consolidar no campo das ciências sociais e humanas. A perspectiva do Evolucionismo Social, contudo, continuou a ser amplamente utilizada por muito tempo.

Segundo o etnomusicólogo Bruno Nettl (1983, p. 86) a por vezes excessiva preocupação dos estudos comparativistas, como os de Eric von Hornbostel, George Herzog e Béla Bartók, com a análise de melodias, refletia o tipo de treinamento desses pesquisadores dentro da tradição da música “clássica” ocidental. Já Mieczyslaw Kolinski diferentemente de seu professor Hornbostel, irá procurar, através de rigorosas análises de aspectos como movimento melódico, tempo, harmonia, escalas e ritmo, revelar o sistema, ou a rede de sistemas, que criariam nichos dentro dos quais as músicas poderiam ser mapeadas e classificadas.

Nesse período, uma tendência dos estudos musicais, e também dos folcloristas, era a definição de mapas e áreas culturais a partir de disposições geográficas, além também da concepção difusionista que procurava definir as diferenças entre os traços musicais a partir de um padrão histórico comum. As críticas à essas perspectivas residem no fato delas promoverem uma homogeneização da diversidade das áreas culturais pesquisadas a partir de amostragens, quase sempre, muito pequenas de dados coletados. Herdeiros dessa tradição, alguns etnomusicólogos naquele período se empenharão em criar “mapas culturais”, como por exemplo Bruno Nettl com o “Native North American Musical Styles”, e Alan Merriam que, seguindo abordagens do antropólogo Melville Herskovitz, propôs o “African Musical Cultural Areas”. No Brasil, a ideia de áreas culturais foi muito explorada pelo musicólogo Luiz Heitor Correa de Azevedo. No caso do folclore havia ainda a oposição das noções *nativo/estrangeiro*, que tomava por base o espaço nacional como principal campo de análise. Assim, as práticas dos “populares”, da “cultura popular”, representariam o passado da nação, cumprindo o papel de evocar uma ancestralidade imaginada.

Em meados do século XX, os estudos musicológicos sobre música, bem como

6 *Primitive Music: an Inquiry into the Origin and Developments of Music, Song, Instruments, Dances, and Pantomimes os the Savage Races (1893).*

7 *The music of Hindostan (1914).*

das tradições afrobrasileiras, tornaram-se cada vez mais específicos, precisamente quando um novo modelo etnomusicológico vem propor a adoção de perspectivas analíticas mais autoreflexivas quanto às metodologias e concepções utilizadas na elaboração dos trabalhos científicos. O interesse pelos cânones da música *do outro* passou, então, a ser tão importante quanto o interesse que havia pelos cânones da música ocidental. Sobre isso escreve Bruno Nettl:

Os etnomusicólogos de antes de 1950, geralmente provenientes de uma cultura que colocava a música erudita Ocidental automaticamente em uma categoria separada e superior, e que tinham dificuldades em lidar com a questão de suas próprias origens, olhavam com suspeita a música cujos contextos e formas de transmissão eram novos, resultados de mudanças culturais (2002, p. 2).

Cabe lembrar, contudo, que o campo etnomusicológico é herdeiro e sempre contou com trabalhos de musicólogos comparativistas, folcloristas, antropólogos, historiadores da arte e das mais diversas vertentes. Nos Estados Unidos, Melville Herskovitz e Richard Waterman foram dois antropólogos que produziram trabalhos sobre o que chamavam de “Negro Folk” e que conduziram pesquisas ligadas à realidade brasileira (ver Herskovitz & Waterman, 1949; Waterman, 1949).

Em 1955, com a fundação da International Folk Music Council em 1947 e da Society for Ethnomusicology em 1955, a etnomusicologia americana se encontrava especialmente marcada por duas perspectivas distintas que tinham no “trabalho de campo” a principal metodologia de pesquisa: uma de cunho mais antropológico, representada por Alan Merriam, e outra mais musicológica representada pelo musicólogo Ki Mantle Hood. Para Alan Merriam⁸, o trabalho de campo seria uma das etapas da pesquisa etnográfica que se complementaria com o posterior trabalho de gabinete. Já Mantle Hood, embora também valorizasse o contexto cultural, pretendia fazer com que o pesquisador percebesse a necessidade de tornar-se um aprendiz das práticas musicais que desejasse estudar, desenvolvendo uma metodologia que chamou de “Bi-musicalidade” (Hood, 1960).

Durante as décadas de 1960 e 1970, as pesquisas etnográficas sobre a música religiosa afrobrasileira se viram enormemente influenciadas de um lado pelas correntes de pensamento estruturalista de Claude Lévi-Strauss, que busca, através do estudo das estruturas profundas da experiência, uma base comum de elementos universais do espírito humano, e por outro lado pelos novos estudos de pesquisadores africanos e

8 Alan Merriam é ainda hoje conhecido como estudioso que deu grande impulso a consolidação para o campo da Antropologia da Música, especialmente por conta de seu famoso livro “The Anthropology of Music” de 1964. Foi aluno de Melville Herskovits e de Richard Waterman, ambos antropólogos que publicaram estudos sobre a influência africana nas práticas musicais americanas).

africanistas⁹ que passarão a olhar as práticas musicais africanas dentro de suas próprias lógicas de criação e perpetuação. A guinada epistemológica trazida pelo pós-guerra, além da progressiva desvalorização acadêmica sofrida pelos estudos de folclore será sentida no Brasil a partir da mudança de paradigma em relação ao conceito de cultura como sistema simbólico, e que consolida a integração entre pesquisas entre os campos das ciências humanas e sociais e o da música. Nesse debate, contudo, é preciso rever alguns marcos e personagens dessa trajetória dos estudos do folclore negro no Brasil.

Folclore Negro no Brasil

Desde as últimas décadas do século XIX, os estudos sobre folclore no Brasil vem sendo objeto de reflexão, buscando afirmação no âmbito acadêmico (Vilhena, 1997). É fácil constatar que um das características mais marcantes dos estudos de folclore no Brasil foi sua estreita relação com o desenvolvimento do estudos musicológicos no país. Se elencarmos alguns dos principais pesquisadores que atuaram e militaram, especialmente na primeira metade do século passado, na luta pela legitimação de um espaço acadêmico para o estudos de folclore, veremos que grande parte deles estava ligada aos estudos de música, especialmente quando se tratava daquilo que era então chamado de “Folclore Negro”.

Com seu referencial livro “Os Africanos no Brasil”, Nina Rodrigues foi, talvez, o primeiro a tentar imprimir um caráter mais sistemático às pesquisas realizadas até então, mesmo que orientado pelos, hoje superados, pressupostos científicos vigentes à época¹⁰. Toda a obra de Nina Rodrigues aponta reiteradamente para contraposição entre “civilização e cultura”¹¹, dualidade tão afeita aos estudos científicos dos primórdios do século passado e que se constitui mesmo numa prerrogativa epistemológica estruturante para o campo do folclore¹². Ainda assim, seu interesse em buscar explicações sobre as manifestações expressivas da populações negras nas matrizes étnicas africanas procurou dar novas cores ao debate científico até então feito no país.

9 J. Kwabena Nketia (1974), Gerhard Kubik (1979), Simha Arom (1985) e Kofi Agawu (1995).

10 Sua obra está repleta de exemplos, especialmente de viés racista em seus pressupostos científicos quando nas análises sobre a negritude: “A Raça Negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelem os generosos exageros dos seus turiferários, há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo.” (Rodrigues, 2010)

11 Para uma diferenciação mais detalhada entre as concepções francesa de “civilisation” e “culture” e alemã de “Kultur”, “Bildung” e “Zivilization”, ver Elias (1990).

12 No caso dos estudos musicológicos, essas e outras dualidades, já foram tratadas por mim em outro texto (Fonseca, 2014).

Suas observações específicas sobre as heranças musicais africanas, embora claramente não tenham o tratamento musicológico que a elas será dado por Mário de Andrade, Luciano Gallet, Luiz Heitor Correa de Azevedo entre outros, já prenuncia o interesse inventariante dos folcloristas. Médico de formação, irá tematizar vários aspectos das expressões religiosas de matriz africana em seus trabalhos a partir da busca “da reconstrução da psicologia social ou popular da Raça Negra no Brasil” (Rodrigues, 2010, p. 131). Nina Rodrigues quase sempre enxergava essas expressões como “sobrevivências fetichistas” e, no caso da música religiosa, centrada nos supostos poderes sugestivos das práticas percussivas como elementos indutores dos estados de transe e possessão.

Esse e outros temas serão melhor desenvolvidos por Arthur Ramos, intelectual que se dedicará a questão negra numa extensa bibliografia¹³. Considerado por muitos como o “pai da antropologia brasileira”, sua abordagem distanciava-se das teorias racialistas de Nina Rodrigues, aproximado-o da escola culturalista americana, tendo como um de seus maiores interlocutores justamente Melville Herskovitz, com o qual participou por dois meses de um seminário sobre *aculturação* apresentado por este na Northwestern University em 1941, e com quem manteve intensa correspondência entre 1935 até sua prematura morte em 1949 (Xavier, 2012). Mostrava grande interesse pelas relações teórico-epistemológicas entre a análise culturalista e a psicanalítica, buscando mais suas aproximações que seus conflitos (Ramos, 1935, p.27-28)

Em seu livro “Folclore Negro do Brasil” (1935), ele se utilizará das coletas e análises feitas por musicólogos brasileiros como Luciano Gallet e Mário de Andrade, e também estrangeiros como o cubano Fernando Ortiz. Reconhecendo a precariedade existente então, aponta que “um estudo musicológico dessa música mágico-religiosa deveria ser feito pelos competentes no assunto, com a discriminação das características musicais das várias tribos importadas e a música atualmente ainda existente nos terreiros fetichistas do Brasil” (Ramos, 1935, p. 145). Dando a devida importância e resgatando indicações que já haviam sido feitas por Silvio Romero e Nina Rodrigues, aprofunda reflexões sobre as matrizes étnicas *sudanesas* e *bantus* em suas relações com as modalidades performativas encontradas nas festas, divertimentos e celebrações populares. Ramos avança também ao incluir em suas análises a influência exercida pelos meios

13 Seus principais livros são: *Os horizontes místicos do negro da Bahia* (1932), *O negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise* (1934), *O folclore negro do Brasil: demopsicologia e psicanálise* (1935), *As culturas negras no Novo Mundo* (1937), *A aculturação negra no Brasil* (1942), *Guerra e relações de raça* (1943), e outros dois publicados postumamente *A mestiçagem no Brasil* (1952) e *O negro na civilização brasileira* (1956).

de gravação sonora e de comunicação que naquele época ele chamou de *broadcasting* (Ramos, 1935, p.135), como elemento fundamental para a compreensão da ressignificação no imaginário popular das chamadas danças tradicionais, em sua passagem de práticas performativas complexas para formas de nomenclatura de gêneros musicais, como vinha ocorrendo no caso dos batuques, do coco, do baião, maracatu, e que tem no samba talvez seu maior exemplo.

Os análises de Luciano Gallet citadas por Ramos têm na música culta europeia a sua principal referência. Ao tratar do desenvolvimento melódico afirma que são “melodia simples, de poucas notas e frases pobres que são repetidas indefinidamente”, e sobre ritmo aponta que “são quadrados comuns ou sincopados, às vezes” (Ramos, 1935, p.146). Gallet juntamente com Mario de Andrade são certamente aqueles que irão, nesse período, buscar tratar todo esse material sonoro dentro de um viés analítico mais particularmente musicológico. Porém, caber ressaltar que, mais importante do que a discussão sobre a pertinência ou não da adoção de modelos musicológicos de análise, importa considerar a relevância das etnografias realizadas que, como registros sincrônicos dessas práticas, abrem a possibilidade da realização de análises diacrônicas em futuras pesquisas.

Mario de Andrade foi o pesquisador que, programaticamente, mais se preocupou em coletar manifestações musicais populares para a análise musicológica e para servir de fonte de inspiração para processos de criação musical por parte dos compositores brasileiros. Sua agenda previa que a pesquisa etnográfica da música religiosa negro-africana, expressa em suas diversas modalidades ritualísticas, deveria servir ao propósito social da invenção de uma música culta brasileira, aos moldes do que faziam compositores como Alberto Nepomuceno e Villa-Lobos e já ocorrera com os compositores europeus durante o século XIX.

A primeira frase de seu *Ensaio sobre a Música Brasileira* denuncia já, em tom de manifesto, seu projeto de fundir as expressões populares à criação artística individual e erudita, ao dizer que “até há pouco tempo a música artística brasileira viveu divorciada da nossa entidade racial” (Andrade, 2006 [1928], p.11). Diferentemente de Nina Rodrigues e outros, contudo, a “raça” aí vem colocada como signo de distinção de caráter nacionalista e não genético. A etnografia para Andrade visava trazer à luz o que ele chamava de desconhecido, belo e complexo “populário musical brasileiro” (Andrade, 2006, p.17). Suas coletas folclóricas¹⁴ e seus estudos sobre as músicas religiosas negro-africa-

14 “Já afirmei que não sou folclorista. O folclore hoje é uma ciência, dizem... Me interesse pela ciência

nas no Brasil apontam não só para parâmetros mais estritamente formais (como ritmo, melodia, polifonia, instrumentação e forma), mas também para o papel crucial dos contextos rituais de ocorrência como determinantes nessas práticas. Em seus trabalhos, já é possível perceber uma preocupação com questões que serão gratas as abordagens etnomusicológicas posteriores, como a relação entre práticas musicais daqui e africanas.

Ao tratar, por exemplo, da síncopa (e q e), tão comum na rítmica afrobrasileira, Andrade afirma que o conceito é “tradicional e não vejo precisão de contrariá-lo, está certo. O que a gente carece de verificar é que esse conceito muitas feitas não corresponde aos movimentos rítmicos nossos a que chamamos síncopa” (Andrade, 2006, p.24). Seus estudos sobre a rítmica das expressões percussivas das manifestações afrobrasileiras e populares denunciavam premissas musicológicas comparativistas, marcadas pelos cânones aceitos pela linguagem escrita da música ocidental, uma vez que estavam orientados para a busca de uma ponte entre estes e os saberes populares.

Renato Almeida foi também um estudioso que se dedicou aos estudos de música dentro chamado *Movimento Folclórico Brasileiro* (Vilhena, 1997). Em sua longa obra *História da Música Brasileira* (1926), Renato Almeida argumentava sobre a necessidade de se buscar nas “raízes nacionais” os elementos para a criação de uma música autenticamente brasileira, embora em termos metodológicos discordasse de Mário de Andrade¹⁵. Ao tratar especificamente da “música de feitiçaria” (categoria comum também a Mário de Andrade) Renato Almeida não crê que, a despeito de sua beleza e doçura, “possa exercer qualquer influência direta sobre a música brasileira. É hoje exotismo. O Brasil já se libertou de tôdas essas formas de terror primitivo e há-de continuar a depuração” (Almeida, 1942, p. 147).

O que se percebe nos trabalhos de Almeida e de muitos pesquisadores desse período em relação às práticas musicais religiosas de matriz africana que elencam, é o papel por vezes ilustrativo das etnografias e coletas folclóricas realizadas, já que muitos pretendiam somente fornecer subsídios para um tipo de análise que às vezes sequer incluía as categorias nativas e, operando com metodologias comparativas, tinham nos conceitos e percepções do pesquisador a principal referência¹⁶.

porém não tenho capacidade pra ser cientista. Minha intenção é fornecer documentação pra músico e não passar vinte anos escrevendo três volumes sobre a expressão fisionômica do lagarto...

(ANDRADE, 2002, p.26). Embora fizesse questão de afirmar isso, Mário de Andrade foi um dos que mais escreveu e defendeu a ideia de *folk-lore*, fosse como campo disciplinar ou objeto de estudo.

15 Mário de Andrade e Renato Almeida travaram debates sobre o assunto na Revista Ariel (1923) (ver Martins, 2009).

16 Mário de Andrade no capítulo “Processo da colheita documental” (1991), por exemplo, dá sugestões para a utilização dos meios mecânicos de gravação e explicita seu método de coleta das cantigas

A busca de legitimação acadêmica para o campo do folclore deve muito a Luiz Heitor Correa de Azevedo que, muito incentivado e influenciado por Mário de Andrade, se tornou em 1939 o primeiro professor da disciplina numa universidade brasileira. Seus trabalhos de coleta etnográfica tiveram papel importantíssimo assim como seu diálogo com a musicologia americana; especialmente com o diplomata e chefe da divisão de música da Biblioteca Pública de Nova York Carleton Prague Smith, que entre 1959 e 1961 foi diretor do Brazilian Institute, um polo acadêmico de estudo da cultura brasileira. Além disso, participou também da “Divisão de Música da União Pan-Americana”¹⁷ que era dirigida por Charles Seeger” (Barros, 2013), um dos pioneiros do campo etnomusicológico americano além de estar à frente também da criação da Society for Ethnomusicology (Nettl, 2005). Seus registros fonográficos colhidos no Ceará, Minas Gerais e Goiás, compõem hoje um acervo fundamental sobre a cultura popular no Brasil.

O baiano Edison Carneiro foi outro pesquisador importante nesse diálogo com a antropologia americana tendo empreendido pesquisas sobre a umbanda e o candomblé tanto na Bahia quanto no Rio de Janeiro, além de ter tido papel decisivo na luta pela valorização do samba como símbolo nacional. Especialmente na Bahia, mantinha estreita relação com o mundo dos terreiros tendo ciceroneado a antropóloga americana Ruth Landes, que pesquisou as relações de gênero e classe nas casas de santo de lá. Entre 1962 e 1963, ele coordenou gravações em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro, tendo para isso assessoria técnica de uma equipe da BBC de Londres e da Rádio MEC (Fonseca, 2013), muito embora não tenha desenvolvido análises musicológicas do material coletado. Seu olhar analítico sobre as expressões negro-africanas registradas, o colocam bem distante das análises elaboradas por Nina Rodrigues e mesmo Artur Ramos, apesar de conservar o caráter de reafirmação dos ideais nacionalista que tanto caracteriza a abordagem folclorística.

Considerações Finais

Conforme tentei mostrar esquematicamente aqui, os estudos de Folclore Musical guardam uma relação histórica com o campo etnomusicológico, bem como também proximidade teórico-metodológica com a musicologia comparativa na medida em que, durante muito tempo, compartilhou o paradigma segundo o qual a música é “um objeto” que pode ser coletado, estudado e comparado num contexto específico. No entanto, seu

folclóricas onde fica evidente a utilização dos parâmetros da música culta no trabalho etnográfico de campo.

17 Que veio a se tornar a OEA-Organização dos Estados Americanos.

foco repousa sobre as práticas “folk” e se orienta segundo a perspectiva romântica que vê a chamada “cultura popular” segundo uma homogeneidade imaginada, como expressão da nacionalidade e lugar ideal para a busca de um certo naturalismo perdido frente às mudanças sociais trazidas pela modernidade.

A visão comparativista foi, aos poucos, perdendo valor no meio acadêmico¹⁸. A perspectiva culturalista e funcionalista de Franz Boas e Bronislaw Malinowski, respectivamente, influenciaram toda uma geração de antropólogos americanos que marcaram decisivamente o campo de estudos da música com abordagens distintas daquelas que eram adotadas até então.

Buscamos rapidamente elencar aqui, muitos folcloristas brasileiros que mantiveram um relacionamento com alguns dos principais etnomusicólogos americanos que ajudaram a consolidar a disciplina, como Charles Seeger e Alan Merriam¹⁹, além de antropólogos que tinham nas músicas religiosas afrobrasileiras seu principal objeto de estudo. Após a geração de folcloristas, outros musicólogos americanos e africanos – mas não só eles²⁰ - mantiveram estreita relação com o campo etnomusicológico brasileiro estudando a música negro-africana, como Gerard Béhague (1977) e Kazadi wa Mukuna (2006) entre outros.

Finalmente cabe lembrar que a história da etnomusicologia vem sendo construída, também no Brasil, pela dedicação e esforço de diferentes pesquisadores e interessados no estudo das práticas musicais segundo interesses dos mais variados e não somente ligados ao universo acadêmico. O estudo das práticas religiosas negro-africanas conta hoje com aportes trazidos dos mais variados campos disciplinares, como a Etnomusicologia, Antropologia, Sociologia, História além de toda uma diversidade de pesquisadores acadêmicos e não acadêmicos, que têm demonstrado que o legado dos estudos e registros musicais afrobrasileiros coletados pelos folcloristas, mesmo que continuem atualmente a serem criticados e revistos, seguem ganhando significados inusitados a cada novo olhar sobre eles dirigido.

Referências Bibliográficas

-
- 18 Cabe ressaltar que a perspectiva comparativista constitui ainda toda uma linha de estudos, especialmente a partir dos trabalhos do antropólogo Milton Singer (1955), porém sem adotar abordagens valorativas das expressões culturais, entendendo cada qual dentro de suas próprias lógicas de existir. No campo musicológico vem constituindo também longa tradição de estudos na Europa.
- 19 Merriam (1956) produziu um estudo sobre a rítmica dos candomblés da Bahia a partir das gravações realizadas por Herskovitz.
- 20 Não é possível esquecer também pesquisadores europeus como Peter Fryer, Gehard Kubik, Angela Lühning entre tantos outros.

- AGAWU, Kofi. *African Rhythm*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- ALMEIDA, Renato. *História da Música Brasileira*. Rio de Janeiro: Briguet & comp., 1942.
- ANDRADE, Mário. *Ensaio sobre a musica brasileira*. São Paulo: Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 2006.
- AROM, Simha. *Polyphonies et Polyrythmies instrumentales D'Afrique Centrale*. Paris: Centre National de Recherche Scientifique, 1985.
- BARROS, Felipe. *Música, etnografia e arquivo nos anos 40: Luiz Heitor Corrêa de Azevedo e suas viagens a Goiás (1942), Ceará (1943) e Minas Gerais (1944)*. Editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2013.
- BÉHAGUE, Gerard. *Some liturgical Functions of Afro-Brazilian Religious music in Salvador, Bahia*, Italy: The World of Music, Vol.XIX N° 3/4. 1977.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. 2ª ed. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- FONSECA, Edilberto José de M. *Edison Carneiro na Tenda de Maria Conga em 1962*. Música e Cultura, Revista da Associação Brasileira de Etnomusicologia, Vol.8, 2003 (Disponível em <http://musicaecultura.abetmusica.org.br/index.php/revista/article/view/90/25>).
- _____. *A ideia de folk e as musicologias*. Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Música, nº12, Rio de Janeiro: Unirio, 2014.
- HERSKOVITZ, M.J. *Tambores e Tamborileiros no culto afro-brasileiro*, Boletim Latino Americano de Música, Ano VI, Rio de Janeiro: Instituto Interamericano de Musicologia, 1946, p. 99-113.
- HERSKOVITZ, M.J. & WATERMAN, R.A. *Música de culto afro-bahiano*, Mendoza, Argentina: Revista de Estudios Musicales (1), 1949, p.65-127.
- HOOD, Ki Mantle. *The Challenge of Bi-Musicality*. Ethnomusicology 4, p. 54-59. 1960.
- JONES, A.M. , *Studies in African Music*, London: Oxford University Press, 1959.
- KAZADI WA, Mukuna. *Contribuição Bantu na Música Popular Brasileira-perspectivas etnomusicológicas*, São Paulo: Terceira Margem, 2006.
- KUBIK, Gerhard. *Educação Tradicional e Ensino da Música e Dança em Sociedades Tradicionais Africanas*. São Paulo: Revista de Antropologia, 1979.
- LÜHNING, Angela. *A Música no Candomblé Ketu-Nagô – Estudo sobre a música*

- afro-brasileira em Salvador, Bahia*. Hamburgo: Alemanha, Tese de Doutorado, 1990.
- MARTINS, Marcelo Adriano. *Duas trajetórias, um modernismo musical?* Mário de Andrade e Renato Almeida, Dissertação de Mestrado, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.
- MENEZES BASTOS. *Esboço de uma teoria da música: para além de uma antropologia sem música e de uma musicologia sem homem*. In: *Anuário Antropológico*, 93:9-73, 1995.
- MERRIAN, Alan. *Songs of the Ketu cult of Bahia, Brazil*. Brazil: African Music Society Journal 1, n.3, p.53-61, 1956.
- _____. *The Anthropology of Music*. Evanston, Illinois: Northwestern University: Northwestern University Press, 1964.
- NETTL, Bruno. *The Study of Ethnomusicology. Twenty-nine Issues and Concepts*. Urbana, Chicago, London: University of Illinois Press, 1983.
- _____. *The Study of Ethnomusicology: 31 Issues and Concepts*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 2005.
- _____. *O estudo comparativo da mudança musical: estudo de caso de quatro culturas*. *Revista Antropológicas*, ano 10, volume 17(1); 11-34 (2006).
- NKETIA, J.H. Kwabena. *The Music of Africa*, New York: Norton & Company Inc., 1974.
- RAMOS, Artur. *O Folclore Negro do Brasil*. Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro. 1935
- RODRIGUES, Nina R. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo: Madras, 2010.
- SEEGER Anthony. *Etnografia da Música*. In Myers, Helen *Ethnomusicology: An Introduction*. Londres: The MacMillan Press (Tradução: Giovanni Cirino), 1992.
- WATERMAN, Richard A. & BASCOM, William R. *African and New World Negro folklore*. In Maria Leach (Ed). *Dictionary of folklore, mythology and legend*. New Maria Leach, ed.1, New York: Funk & Wagnalls York, 1949.
- VILHENA, Luís Rodolfo Paixão. *Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Funarte: Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1997.
- XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. *Teorias antropológicas - 1.ed., rev. - Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012.*